

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**



**VIVÊNCIAS DE UMA ETNOGRAFIA ITINERANTE:
Um estudo das comunidades muçulmanas de
Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG**

LISLEY LEÃO DE JESUS

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

2022

LISLEY LEÃO DE JESUS

**VIVÊNCIAS DE UMA ETNOGRAFIA ITINERANTE:
Um estudo das comunidades muçulmanas de
Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Bacharelado em
Antropologia, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia.
Orientadora: Prof. Dra. Adriane Luisa
Rodolpho

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

J58v Jesus, Lisley Leão de

Vivências de uma etnografia intinerante : um estudo das comunidades muçulmanas de Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG / Lisley Leão de Jesus ; Adriane Luisa Rodolpho, orientadora. — Pelotas, 2022.

53 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Etnografia. 2. Islã. 3. Globalização. 4. Família. 5. Religião. I. Rodolpho, Adriane Luisa, orient. II. Título.

CDD : 305.8

LISLEY LEÃO DE JESUS

**VIVÊNCIAS DE UMA ETNOGRAFIA ITINERANTE:
Um estudo das comunidades muçulmanas de
Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Bacharelado em
Antropologia, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia.
Orientadora: Profa. Dra. Adriane Luisa
Rodolpho

Data da Defesa: 24 de junho de 2022

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriane Luisa Rodolpho (orientadora)

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

M.e Otávio Amaral da Silva Corrêa

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

2022

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que me apoiaram e fizeram ser possível concluir essa etapa da minha vida. Agradeço à minha orientadora Adriane Rodolpho, por não desistir de me ajudar a acalmar os ânimos quando estava aflita sobre minha vida acadêmica. Agradeço, em especial, a minha família, minha mãe Etelvina, meus irmãos Lorena e Rodrigo, por não me deixarem desistir e apesar de todos os conflitos internos que passei sempre deixaram claro que estavam felizes por mim e se orgulhavam. Não posso deixar de lado as pessoas que conheci no desenvolvimento deste trabalho e que foi possível concluí-lo, por se disporem do seu tempo a paciência.

A todos, meu obrigado.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a formação das comunidades muçulmanas de Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG, fazendo um estudo sobre o Islã e sua chegada ao Brasil. Busco pensar na relação de família na religião para explicar como essas comunidades crescem e se relacionam. Uma vez que a família no Islã exerce um papel muito importante na fé do muçumano e nos comportamentos sociais. Para desenvolver essas reflexões, baseio-me em revisões bibliográficas e no estudo etnográfico nas mesquitas de Belo Horizonte/MG e Pelotas/RS, assim como em entrevistas feitas nesses espaços.

Palavras- chave: Islã, família, religião, globalização.

Abstract

The present work aims to analyze the formation of Muslim communities in Pelotas/RS and Belo Horizonte/MG, through a study about Islam and its arrival in Brazil. My objective is to think about the family relationships in Islam in order to explain how these communities grow and establish mutual relationships once family in Islam plays a very important role in Muslim faith and social behavior. To develop these reflections, I base my study on bibliographic review and ethnographic observation in the mosques of Belo Horizonte/MG and Pelotas/RS as well as interviews carried out in these spaces.

Key-words: Islam, family, religion, globalization

Lista de Figuras

Figura 1 - Foto da fachada da mesquita de Pelotas/RS.....	29
Figura 2 - Foto do interior da mesquita de Pelotas/RS.....	29
Figura 3 - Foto da fachada da mesquita de Belo Horizonte/MG.....	30
Figura 4 - Foto do interior da mesquita de Belo Horizonte/MG.....	31
Figura 5 - Desenho em campo na mesquita de Belo Horizonte/MG.....	33
Figura 6 - Foto da mesquita em Meca.....	35
Figura 7- Ilustração do livro Persépolis de Marjane Satrapi.....	44

Sumário

INTRODUÇÃO:	8
1 O ISLÃ: A RELIGIÃO UNIVERSAL	14
1.1 O Islã e Alha.....	14
1.2 O Islã e seus significados.....	15
1.3 Alcorão, Sunnah e Sharias.....	17
1.4 Família no Islam.....	20
1.5 Islam no Brasil.....	22
2 COMPARATIVO DAS COMUNIDADES MUÇULMANAS SUL E SUDESTE	25
2.1 Mesquita Pelotas/RS.....	27
2.2 Mesquita de Belo Horizonte/MG.....	29
2.3 Família e o Alcorão.....	36
2.4 A Família de Aya e Muhammad.....	37
2.5 A Família do Sheik.....	39
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47

INTRODUÇÃO:

O Brasil é um país conhecido por seu grande território, suas extensas matas e grande biodiversidade, com múltiplas etnicidades e uma pluralidade cultural que se difere em cada região brasileira. Com essas noções pré-estabelecidas, não podemos excluir a religião como uma dessas pluralidades: uma situação inevitável pelo constante trânsito de pessoas em todo mundo – causada por crises econômicas e uma migração histórica, exemplificado ao decorrer desse estudo.

É interessante salientar que na sociedade contemporânea o uso de ferramentas tecnológicas está presente em todo lugar. A internet começou a apropriar-se de vários aspectos das nossas vidas cotidianas. Por consequência, estamos cada vez mais “conectados” em um nível global. As redes sociais, como facebook, instagram, twitter, entre outros, cresceram de forma que quase todas as pessoas possuem um perfil em uma dessas redes. Com isso, surge a possibilidade de viabilizar essas “redes”, tornando um campo de trabalho de disseminação de informação, de vendas, de propagação de notícias, etc. Dessa forma, grupos culturais começam a apropriar-se desses ambientes para falarem de suas pautas e se conectarem com suas semelhanças.

Considerando essa situação, acabei sendo conduzida a realizar um estudo que se constitui como um exercício de relativização das relações interpessoais da população praticante de religião islâmica.

O trabalho teve como primeira aproximação três encontros na mesquita de Pelotas/RS, no ano de 2019, localizado na rua Fernando Osório, aos sábados no período da tarde. Minha principal interlocutora foi Aya. Ela era a responsável por organizar os eventos e me introduziu para as outras mulheres que frequentavam o lugar. Assim, pude conversar com algumas outras mulheres nascidas na religião islâmica sendo elas brasileiras – mas filhas de estrangeiros – como também mulheres que se converteram por opção. No entanto, devido às inconstâncias de encontros e, posteriormente, com a chegada do vírus covid19 causando uma pandemia global, não pude dar continuidade ao trabalho na mesquita, em razão das restrições e paralisações da universidade.

A consequência disso foi minha volta temporária a Minas Gerais, lugar onde nasci, o que acabou por interromper provisoriamente meus estudos. Mas como

ainda tinha muito interesse em continuar com a temática, procurei meios de dar continuidade ao trabalho, explorando a internet e suas redes sociais por essas comunidades muçulmanas brasileiras. Por feliz coincidência, encontrei um centro islâmico na cidade de Belo Horizonte/MG, e com apenas um telefonema, consegui autorização para acompanhar os encontros nas sextas-feiras, além de ter estabelecido uma favorável colaboração com o sheik*¹ da mesquita.

O trabalho etnográfico baseia-se nas experiências desses campos. Faço um breve comparativo das duas mesquitas, mostrando os diferentes públicos que frequentam esses lugares, com o intuito de mostrar de que forma essa religião influencia nas rotinas, relações familiares e adquire mais adeptos. No Islã, existe um compilado de regras de conduta a serem seguidas que podem entrar em conflito com normas de comportamento no Brasil. Diferentemente de outros países de maioria muçulmana, no Brasil, essa religião está à margem, mas continuamente ganha visibilidade. Neste sentido, procuro demonstrar de que forma isso acontece.

O islamismo é uma religião que existe em diversos países do mundo. As regiões da Ásia, Oriente Médio e norte da África são os lugares de maior incidência muçulmana. Entretanto, como no caso de Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG, pode-se encontrar pequenas comunidades muçulmanas, mesmo não sendo um país predominantemente islâmico. As famílias que existem em Pelotas/RS são descendentes de imigrantes que, em geral, migraram da Palestina. Desse modo, alguns dos descendentes desses parentes são nascidos no Brasil, porém mantêm a religião islâmica como o alicerce das relações sociais. A situação de Belo Horizonte/MG é diferente. Sendo uma capital, existe uma variedade de nacionalidades, todavia sua maioria é composta por brasileiros convertidos.

Uma noção que as colaboradoras das duas mesquitas pontuaram era que era necessário haver uma separação entre a religião islâmica e cultura, pois cada país tem características culturais diferentes. Portanto, não se pode generalizar que, ao praticar o islamismo, as influências culturais são as mesmas. Quando fala-se da população muçulmana brasileira existe uma variedade de implicações e situações diferentes que deve-se levar em consideração.

A melhor forma de entender como as comunidades muçulmanas relacionam-se e questionar como a família no Islã possui um grande peso na religião. A família é, pois, o pilar da estrutura social conforme os preceitos do

¹ Sheik é o líder espiritual, que estudou a teologia do Islã e possui grande conhecimento.

islamismo. Os homens e as mulheres devem seguir seus papéis para fortalecer os vínculos.

“E, dentre Seus sinais, está que Ele criou, para vós, mulheres, de vós mesmos, para vos tranquilizar junto delas, e fez, entre vós, afeição e misericórdia. Por certo, há nisso sinais para um povo que reflete.” (Sagrado Alcorão 30:21)

Com o objetivo de darmos continuidade nas reflexões apontadas anteriormente é importante definir alguns princípios do Islã e contextualizar essa religião.

O Islã é entendido pelos seus praticantes como mais do que uma religião; é também como uma forma completa de viver a vida². O significado da palavra “*islã*” é “*submissão*”, pois a principal regra a ser seguida é de se render e obedecer às leis de Allah (ou Deus). Esse conceito está diretamente ligado ao do “*ser muçulmano*”, que é uma palavra que denomina aqueles que se rendem e se sustentam, obedecendo às leis de Deus. Portanto, o ser “*muçulmano*” é além de uma religiosidade, configura um modo de vida.

O Islã é uma religião monoteísta que teve origem no final do século VII na Arábia. Mas apesar de estar ligado à cultura árabe, já foi difundida em vários outros países, com maior incidência na Ásia, no Oriente Médio e África. Este modo de crer deixa de ter apenas compreensão religiosa, ela influencia nos aspectos da vida humana e social. No quadro de princípios islâmicos, existe uma organização de líderes religiosos, como também um esquema de conhecimentos jurídicos, que garantem os direitos de seus praticantes, baseados nas leis que Deus transmitiu para Muhammad. Sendo assim, Deus tem o papel de ser o sábio; ele é o responsável por levar os humanos em direção ao caminho mais puro e bom.

O Profeta Muhammad foi o fundador do Islã, que também foi conhecido como “*maometismo*”, devido ao seu importante papel. Maomé nasceu em Meca, era filho de Abdallah e Amina, os quais viviam com o clã nômade Beni Hashemi, uma parte pobre da tribo coraixitas³. A cidade de Meca era considerada um lugar sagrado muito antes do surgimento do Islã. As comunidades nômades que peregrinavam na região cultuavam vários deuses nessa cidade. Na época, as tribos praticavam o

² site: <http://www.fambras.org.br/o-islam>

³ Coraixitas, tribo dominante da cidade de Meca no século VII. ARBEX JR., José. “Islã um enigma da nossa época”(1997)

politeísmo e existia uma influência do macedônio persa (religião que divinizava os poderes da natureza).

A história de vida de Muhammad foi muito sofrida. Ele perdeu os pais quando criança, e depois ficou aos cuidados de um tio e seu irmão mais velho. Maomé, junto aos seus parentes, viajava para vários lugares em troca de mercadorias. Desta forma, ele teve a oportunidade de conhecer vários sistemas religiosos que, no futuro, ajudariam a formular as leis do Islã. Aos quarenta anos, Maomé passou pela “iluminação” divina, enquanto meditava⁴, e o anjo Gabriel lhe disse:

“- Recita em nome do teu Senhor, que criou, que criou o homem a partir de coágulos de sangue.

- Recita! Teu senhor é o Mais Generoso, que pela pena ensinou ao homem o que ele não sabia.”

Com a sua revelação, Muhammad começou a pregar em Meca. Todavia, ele foi completamente hostilizado por um tempo. Com o passar dos anos, Muhammad conseguiu conquistar seguidores e inimigos, os sacerdotes. Devido a essa rivalidade, Muhammad precisou deixar Meca junto aos seus seguidores, estabelecendo-se na cidade de Medina por um tempo. Nesse período, reuniu mais seguidores, virou um líder religioso e, com a ajuda de outros (já que não sabia escrever), recitou as escrituras sagradas (o Alcorão) dito pelo anjo Gabriel. Mas depois de um tempo Muhammad tomou a cidade de Meca, pois ele dizia que Deus revelou que na cidade abrigava a Pedra Negra⁵, um objeto sagrado no Islã.

Depois da morte de Muhammad, os sucessores (ou *califas*) na liderança foram seus parentes, esposa e filhos, que continuaram com a função de falar a palavra de Deus. O Islã espalhou-se rapidamente, depois que os Impérios persa e bizantino ruíram e os conquistadores árabes, de religião islâmica, começaram a dominar várias outras regiões do mundo.

No contexto brasileiro, a religião islâmica propagou-se devido às migrações que ocorreram em diferentes períodos no histórico brasileiro. Em primeira instância,

⁴ Meditar era um hábito dos monges e eremitas cristãos; diferente de Maomé, eles meditavam a partir de algum texto do evangelho, segundo “O Livro das Religiões”, HELLERN, NOTAKER, GAARDER (2002, p.120)

⁵ “Pedra negra” foi um pedaço de rocha que o anjo Gabriel apresentou a Ismael, para selar a amizade de Deus com os homens, ela encontra-se em Caaba.

no período de tráfico escravista, denominado como “islã negro”⁶, que fora estudado por Bastide 1971; Querino 1988; Ramos 1937 e Rodrigues 1988. Esses autores relatam que houve rebeliões lideradas por negros muçulmanos. Nessa época, o Islã era visto como uma religião sobrevivente devido a seu estudo inconstante na história do Brasil, desaparecendo e reaparecendo em determinadas épocas devido a um início na época escravista e, posteriormente, depois do século XX.

Outro período que ocorreu a ser ressaltado é o início do século XX, especialmente durante o período anterior à II Guerra Mundial. A migração dessa população deu-se em razão da necessidade de saírem de seus países por causa de sofrerem perseguição. Um segundo motivo foi a criação do Estado de Israel em 1948, um território até então palestino e que provocou um desequilíbrio na geopolítica do Oriente Médio, que já se encontrava fragilizada pelos conflitos provenientes das independências de Síria e Líbano e inúmeras brigas por fronteira (Cleveland e Bunton, 2009, apud FIGUEIREDO; LUNARDI, 2016). Esses imigrantes também selecionaram o Brasil pelo interesse econômico e oportunidade de empregos. A contínua vinda de muçulmanos deu-se pela relação parental de seus familiares que já estavam estabelecidos. Assim, a população muçulmana cresceu com maior incidência na região sul e sudeste do Brasil.

Com esses pontos iniciais esclarecidos, inicio meu trabalho da seguinte forma: no primeiro capítulo, aprofundo mais sobre o Islã e seus preceitos, além de fazer uma ligação de família como o ponto crucial da fé islâmica, além de ser um pilar das dinâmicas das comunidades muçulmanas que migraram para a região. Paralelamente, faço uma breve exposição sobre o Islã enquanto uma “religião universal”. No segundo capítulo, introduzo o trabalho etnográfico, partindo de um ponto de encontro de duas mesquitas diferentes e a oportunidade de conhecer duas famílias com históricos diferentes. Ademais, algumas outras questões sobre as relações interpessoais que podem ser observadas no contexto brasileiro serão analisadas. Para elucidar a proposta, procuro utilizar-me de técnicas etnográficas, já tão conhecidas pela antropologia, para a colheita de dados. Utilizo-me de diário de campo – para ajudar na formação do pensamento científico –, com o apoio de algumas imagens fotografias e desenhos para transpor o leitor na realidade das mesquitas. Abstenho-me, entretanto, de mostrar rostos, por pedidos dos

⁶ Informação retirada no artigo: “Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização”. MONTENEGRO, (2002, p.59).

interlocutores, dado que o material da pesquisa foi recolhido por meio de conversas e entrevistas semiestruturadas durante os encontros nas mesquitas. Por último, trago as conclusões retiradas das experiências de campo e do extenso material bibliográfico pelo qual naveguei para a construção deste trabalho.

1 O ISLÃ A RELIGIÃO UNIVERSAL

O propósito deste capítulo é fazer um panorama dos principais pontos a serem discutidos no islam. Analiso, assim, como essa religião cresceu exponencialmente nas viradas dos séculos, em especial no Brasil. Mas, para isso, é necessário mergulhar em um passado muito distante e habituarmos aos conceitos de *ethos* da família e da religião islâmica.

1.1 O islã e Allah:

O Islã é uma religião cujo maior princípio é submeter-se totalmente a Allah (Deus). Para que se possa entender essa motivação de servilismo a essa entidade, sem analisar de que forma Allah é representada pelo islã. Para conhecer as nuances dessa religião, tomo como base de referência o livro *Islam em Foco* (2013), do autor Hammudah Abdalati⁷. Esse autor escreveu o livro depois de viver por um longo período entre a comunidade muçulmana do Canadá. Na sequência dessa experiência, ele trouxe uma gama de informações sobre o Islã e suas especificidades. Tomo esses conceitos para exemplificar um pouco sobre o Islã, o Alcorão e Sunnah. Além disso, importante ater-se a esses assuntos antes de ser apresentado na etnografia.

Nós, como pesquisadores executores da ciência, ficamos por vezes confortáveis com a ideia que a própria existência do universo e da humanidade possa ser uma causalidade sem significado causado por uma explosão estelar. Entretanto, aqueles que se relacionam ao conceito de fé - um sentimento que se é dado aos que acreditam em uma religião - sentem em uma crise identitária com o fato de que “o todo” possa ser uma eventualidade, que não exista uma explicação, um sentido. Faz parte natureza humana identificar os significados, a lógica, o “porquê”. Para essas explicações, no islam, é Allah a “Mente Única”, segundo Abdalati (2013). É ele que vai criar as coisas e deixá-las em movimento. Abdalati (2013) o coloca como o “Grande Artista”, assim como exemplifica em:

⁷ Hammudah Abdalati, graduado pela Universidade de Al-Azhar no Cairo em Estudos Islâmicos e hoje é professor de Sociologia na Universidade norte-americana de Siracusa.

Esta Força é a mais forte de todas as forças, e este Artista é o maior de todos os artistas. Os verdadeiros crentes e as pessoas profundamente esclarecidas reconhecem este Artista como sendo Deus (que em árabe, língua litúrgica do Islam significa “Allah”). Chamam-Lhe Deus, porque é Ele que tudo concede. Ele não é um homem, não é ídolo, nem uma estátua, porque nenhuma destas coisas pode criar-se a si própria ou criar algo. Não é uma máquina; não é o sol, e não é a lua, nem é qualquer outro astro, porque estas coisas são controladas por um grande sistema, e elas próprias foram criadas (p.15).

Ao referir-se a Allah a característica de infinitude e fluidez de matéria, é possível associar ao que Stein⁸ (1994, p. 46, apud Kusano, 2009) fala: “a antropologia teológica, oferece uma visão de que antes de tudo, ele (Deus) é um ser finito que junto de todas as criaturas finitas não possui a capacidade de compreender-se completamente, a partir de si mesmo.” Dessa forma, buscar em Deus (Allah) as respostas da própria essência, expostas no Alcorão, conduzem à ideia de que ele é tudo que é certo e bom; ele não possui as falhas que o ser humano possui; ele é o que se deve espelhar, sendo o responsável para guiar nessa empreitada de seguir ao céu. Para conseguir cumprir com esse papel de guia, Allah mandou um mensageiro, o anjo Gabriel, para ser semelhante entre os humanos que os ajudaram a terem um estilo de vida mais significativo, essa pessoa é o Profeta Muhammad.

1.2 O Islã e seu significados:

Como já é sabido, o livro sagrado foi revelado pelo último profeta Muhammad, em momentos em que se isolava em uma caverna de Hira, onde ficava por muitas noites meditando. Em um desses momentos, é que foi revelado a ele a mensagem de Deus. Apesar de Muhammad ter um papel fundamental na história do Islã, os muçulmanos não o consideram como sendo o fundador do islã, mas sim o seu último mensageiro. Existe muito respeito sobre o papel de Muhammad. Porém, como a palavra “Islam” se derivará de “Salam” – que em árabe pode significar submissão, obediência, paz, pureza – o significado literal e religioso do Islã seria: “Submissão

⁸ Edith Theresa Hedwing Stein, canonizada como Santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma santa filósofa e teóloga alemã nascida judia e se converteu ao catolicismo. Essa referência se deu em seu Livro “A estrutura da pessoa Humana” (1994, p. 46, apud Kusano, 2009).

voluntária à Vontade de Deus e Obediência à Sua Lei⁹”; segundo a qual pode-se concluir que o único criador dessa religião é aquele que é devotado a ele, Allah.

Os muçulmanos consideram o islã mais que uma religião; é uma forma de vida devido à propriedade que o seu próprio livro sagrado, Alcorão, contém inúmeras leis, regimentos que são obrigatórios e se torna um guia para todas as questões que a vida pode proporcionar. No entanto, não se deve considerar que, por ser uma religião de “regras” que sua “liberdade”, não será considerada. O autor Abdalati (2013), demonstra isso ao concluir que:

Portanto, a submissão à vontade de Deus não elimina nem diminui a liberdade individual. Antes pelo contrário, confere um alto grau de liberdade através de numerosas medidas. Liberta a mente das superstições e enche-a de verdades. Liberta a alma do pecado e do mal e enche-a de bondade e pureza. Liberta o ser da vaidade e cobiça, da inveja e da tensão, do medo e da insegurança. Liberta o homem da subjugação por falsos deuses e desejos vis, enquanto lhe abre os encantadores horizontes da bondade e excelência (p. 22)

Para o Islã, Muhammad é considerado como o último profeta até esse momento, mas os muçulmanos não desconsideram os outros como: Abraão, Ismael, Isaac, David, Moisés e Jesus¹⁰. Todos os profetas fazem parte da história da humanidade e das tentativas de passar a mensagem de Deus, todavia o diferencial de Muhammad é que o modo de vida, ações e afirmações do Profeta foram preservados e colocados como exemplo a ser seguido no que eles chamam de Sunnah.

O islã é considerado pelos muçulmanos como religião universal e atemporal; ele não sofreu alterações por se preservar o livro sagrado em sua língua original, o árabe. Acredita-se que, ao traduzir algum texto sagrado, cai-se no risco de o homem alterá-lo em benefício próprio. Então, acredita-se que o Alcorão está até hoje na

⁹ Ver site <https://www.islamreligion.com/>, data de acesso 24/06/2022.

¹⁰ Quando estava em campo, um dia, coincidiu de ser a semana do feriado da Paixão de Cristo. Nessa semana, estava navegando na internet e encontrei um compilado de blogs e sites feitos por evangélicos com conteúdos sobre como “evangelizar muçulmanos”. Dentre as suas narrativas estava a afirmação de que os muçulmanos não acreditam que Jesus fora crucificado. Ao descobrir isso, perguntei a uma das minhas interlocutoras sobre essa situação. Ela me explicou que, no Islã, quem realmente foi crucificado fora Judas, eles consideram que Jesus, no momento da crucificação, entrou em uma espécie de transe e foi levado ao Céu por Deus. Mas, ao invés de Jesus ser o crucificado, Judas é quem foi em seu lugar, por intermédio de Deus. Porém, para as pessoas que presenciaram o momento, viram o rosto de Jesus como punição pelos atos humanos. No Islã, não existe vida após a morte. Eles acreditam que, como Jesus não morreu tecnicamente, ele seria portanto o único que poderia reencarnar.

forma como foi revelado a Muhammad. Logo “tudo o que estiver em acordo com o Alcorão é aceito como verdade divina, e tudo o que for diferente do mesmo é rejeitado”, Abdalati (2013,p.217).

1.3 Alcorão, Sunnah e Shariah:

O Alcorão é composto por 114 capítulos (suratas), com 6.342 versículos (ayat) e considerado pelos muçulmanos a maior dádiva divina. Não se acredita que o Muhammad tenha sido o autor do Alcorão já que ele não era letrado e suas revelações divinas não aconteceram rapidamente. Cada parte das mensagens de Deus foi manifestada de tempos em tempos quando o Muhammad meditava em Hira. Dessa forma, o Profeta transmitiu a palavra de Deus, por muito tempo, oralmente a partir do momento que ele conseguiu mais seguidores que os letrados o ajudaram a produzir o livro. Pelo fato de ter sido por muito tempo recitado, os muçulmanos consideram essa característica histórica do Islã uma forma de autenticar a ideia de que o Alcorão é puro e não sofreu alterações. Essa é uma característica que prevalece até hoje. Muçulmanos diariamente recitam versículos, juntos às suas orações diárias. A voz e a língua árabe, que é considerada como sagrada, fazem parte na prática da espiritualidade. Além disso, existe um caráter artístico na escrita e na oralidade, Abdalati (2013), aponta que:

Os árabes admiraram sempre bons poemas, distinguindo-se como amantes da boa literatura. Foram distinguidos pela sua privilegiada memória, em que a literatura ocupou sempre o lugar de destaque. O Alcorão foi reconhecido por todo o povo árabe de gosto literário, como inimitável. Por isso, eles apressaram-se a memorizá-lo, mas da mais notável e respeitosa forma (p..216).

Com essa nota, pode-se associar a ideia de que escrita é memória e que, no Alcorão, a escrita e a oralidade possuem essas tendências. Martins (2003), ao fazer um estudo de performance, diz que a voz não é apenas um rito corporal e oral sem vínculos com a história. Em realidade, trata-se de uma forma de memória. Ao fazer uma análise dos rituais afro-brasileiros, a autora percebe que a “palavra poética, cantada e vocalizada” remete a um determinado “circuito de expressão, potência e poder.” Assim, pode-se colocar o Alcorão e o rito de recitar versículos nessa mesma intenção performática, que reafirma mais a fé do muçulmano.

No Alcorão, há os cinco pilares¹¹:

1º Pilar- A Shahada (Testemunho da Fé): consiste no primeiro passo para se tornar muçumano. Aceita-se que o Islã é uma religião revelada por Deus para toda humanidade e que Muhammad é o seu último mensageiro. Para fazer isso, é necessário recitar: “Presto testemunho de que não há outra divindade (merecedora da nossa adoração) além de Deus Único, e presto testemunho que Muhammad é o Seu servo e mensageiro”, em uma Mesquita. No Islã, não existe um batismo, apenas o testemunho da fé, o qual pode ser feito em qualquer idade.

2º Pilar- Salat (A Oração): os muçumanos oram cinco vezes ao dia em horários alternados. Para eles, isso os faz estar mais próximo de Deus e mostra sua devoção e amor a Ele. Antes de cada oração, faz-se a ablução, que é uma lavagem parcial do corpo, pois se pratica a oração diante de Deus, e deve-se, pois, estar purificado. Acredita-se que as orações em conjunto são mais recompensadoras, sendo geralmente feitas às sextas-feiras; com obrigatoriedade para os homens, já as mulheres podem participar. No entanto, de acordo com o Alcorão, esse dia é uma das leis que os homens têm de seguir com especial cuidado. Rezam direcionados para a Kaaba, uma construção cúbica que demarca o primeiro local onde acreditamos que Adão orou para Deus, localizada em Meca, na Arábia Saudita.

3º Pilar- O Zakat: é o que os muçumanos consideram, essa forma de tributo uma responsabilidade social para sua comunidade. Ao final de um ano, após os muçumanos utilizarem seu salário para todas as suas necessidades, deve-se retirar 2,5% do valor restante para instituições de caridade. Às vezes, esse montante é entregue ao Sheik ou Imam, para que eles doem em alguma organização social. Mas os muçumanos não consideram isso como caridade¹², e sim dever. A caridade é feita de forma diária e sempre incentivada.

4º Pilar- O Sián (O Jejum no mês do Ramadã): o Ramadã é o nono mês no calendário islâmico. Nesse período, deve-se abster de ingerir qualquer alimento sólido ou líquido do nascer ao pôr do sol, onde faz-se a quebra do jejum, como também de não se ter relações sexuais com os cônjuges. O jejum torna-se obrigatório a todos que atingiram a puberdade e que estejam fisicamente e

¹¹ Ver site: <http://sbmrj.org.br/islam/pilares-da-religiao/a-shahada-o-testemunho-de-fe> , data de acesso 24/06/2022.

¹² Durante o trabalho de campo, percebi, pelas falas do Sheik, que a caridade é uma das leis (sharia) do islã e deve ser cumprida. Ele sempre volta na nessa questão, como também sobre o dever de que as coisas devem ser feitas da forma mais certa possível.

mentalmente saudáveis. Não obstante, existe um cuidado a essa obrigatoriedade. Crianças, gestantes, idosos, enfermos, mulheres em seu período menstrual, não precisam fazer o jejum. A preocupação justifica-se pelo fato de não ser uma prática destrutiva, mas sim benéfica. Deve-se, assim, colocar-se no lugar dos necessitados e entender o que esses estão passando. Durante meu trabalho de campo, tive a oportunidade de assistir a alguns sermões no período do ramadã e a fala do sheik da mesquita de Belo Horizonte/MG exemplifica essa prática.

Devido a ter ido em algumas reunião no período do ramadã, o jejum é uma das obrigação, e o Sheik volta na importância que é em praticar isso, fazer o jejum é uma forma de autocontrole, é isso os deixa mais perto de Deus, faz com que se desligue das questões mundanas do ser humano, que pela sua própria natureza está sempre querendo saciar os desejos da "estômago" e "cabeça", dessa forma se entende que pode ser prejudicial se fartar em todos os desejos egoístas (Diário de campo, data 25/03/2022)

5° Pilar- O Hájj (A peregrinação à Kaaba em Meca): depois de os muçulmanos atingirem a puberdade e tiverem condições físicas e financeiras para fazer essa caminhada, ela relembra os rituais praticados pelos profetas Abraão e seu filho Ismael. Esse lugar é considerado um dos lugares onde primeiro se adorou a Deus, desde Adão e Eva. Os muçulmanos consideram o maior congresso anual da paz. Nesse momento, os muçulmanos não podem fazer nenhum mal ao reino da natureza e animal. Eles se vestem geralmente em duas peças de roupas: uma cobrindo a cintura para baixo; e outra o tronco do corpo, com o intuito de igualdade e humildade entre todos.

A Sunnah é a segunda fonte de informações sobre o Islã. Não é um livro, mas foram feitos a partir de um compilado de textos, com conteúdo com os ditos e feitos do Profeta. A Sunnah complementa o Alcorão afim de dar as direções ao muçulmano de como realizar as orientações do Alcorão. Esses hadith¹³ são baseados na forma como o próprio Muhammad praticava o Islã, tanto em suas obrigações indicadas por Deus, como reflexões sobre a vida dele próprio. O profeta é um exemplo a ser seguido, visto que os muçulmanos até hoje se espelham nele, pelas suas relações familiares ou hábitos alimentares, de higiene ou vestimenta. Houve, contudo, uma divergência entre os muçulmanos sobre os hadith¹⁴ da época, como os ensinamentos eram em sua maioria transmitidos oralmente. Alguns

¹³ Nome que se dá aos ditos e feitos do profeta.

¹⁴ Os responsáveis em transmitir as hadith eram familiares do próprio profeta que em geração e geração passaram seus ensinamentos.

acreditam que as hadith sofreram alterações, sendo acrescentadas histórias que não eram reais em benefícios dos próprios hadith. Apesar dessas divergências, os fiéis, em sua maioria, acreditam que a sunnah, em sua essência, é imutável. Esses são conhecidos como muçulmanos “sunitas”. As mesquitas que conheci seguiam essas linhas, os xiitas, por sua vez, são os que não acreditavam nas hadith. Essa cisão de duas partes deu-se principalmente depois da morte Muhammad, ao elegerem califas, pessoas responsáveis por possuírem o papel de passar a mensagem do islã e manter a paz na comunidade com base nas leis islâmicas. No entanto, eles não eram necessariamente descendentes da família do Profeta. Os Xiitas acreditavam que apenas a família do Muhammad compõe os verdadeiros sucessores. Para eles, o último foi Ali. Por essa razão, eles não acreditam que as hadith sejam verdadeiras, assim eles fizeram suas próprias leis e interpretações.

Tanto a Sunnah quanto o Alcorão falam de direitos e permissões, de como os muçulmanos consideram que o Islã é uma “forma de vida”; esses escritos têm como função de certificar e garantir a harmonia e os direitos que envolvem todos os aspectos da vida dos muçulmanos. Com esses dois registros islâmicos, surgiram as "Sharia", leis islâmicas, as quais são os códigos de cunho social, político, econômico e governamental, que orientam os muçulmanos a estarem atentos aos seus direitos para garantir bons relacionamentos e evitar conflitos.

1.4 Família no Islã :

Na minha experiência de campo e na exploração sobre informações sobre o Islã, pude perceber a que ponto a “família” é um ponto limiar no islamismo. Nas escrituras importantes para o muçulmano, existe um grande número de condutas a serem seguidas dentro do ambiente familiar. Por isso, pensei em como seria interessante pensar no conceito família para entender as nuances da comunidade muçulmana e suas relações interpessoais. Essa relação não se dá apenas no próprio seio familiar, mas em como a sociabilidade entre as famílias muçulmanas; em especial, em datas comemorativas, como o Ramadã, onde essas famílias se reúnem para orar e quebrarem o jejum, além do espaço da Mesquita que é um ponto de encontro entre os muçulmanos. Essa relação foi observada por Truzzi (2008) que, ao fazer um trabalho etnográfico sobre família na comunidade muçulmana de São Paulo, observou que:

Fora da família não há nada muito além das atividades propostas pelas mesquitas e respectivas sociedades beneficentes associadas a cada uma delas. Isso se reflete mesmo em termos espaciais, pois se observa que as famílias procuram se aglutinar próximas tanto do trabalho (em geral, da loja) quanto da mesquita que frequentam. Há uma expectativa implícita de que os membros de uma família permaneçam o máximo possível juntos, seja em casa, no trabalho, seja em outras atividades. Espera-se assim manter as crianças sempre envolvidas no seio da família, a fim de que se lhes possa transmitir os valores da vida familiar em um ambiente islâmico (p.42).

No entanto, antes de entrar na conveniência que é família e sociabilidade, é preciso observar quais pontos que são relevantes ao que diz respeito à família no e islam. No Islã, os alicerces da família são os laços de consanguinidade ou relações conjugais, pela própria naturalidade que se vem dessas relações e principalmente ser moralmente certo, pelo matrimônio (ABDALATI, 2013). Nesse ponto, concordo com Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco* (2012), quando este evidenciou que o processo natural da filiação somente pode ocorrer em decorrência do processo social de afinidade, sendo esse o matrimônio e a outra intimidade sexual.

O matrimônio no Islã, mais do que o caráter romântico, é um elo sólido que nutre um compromisso com a vida dos cônjuges e uma responsabilidade social para a comunidade islâmica, envolvendo a sobrevivência humana. É um compromisso feito perante Deus, que se torna um ato de amor e realização pessoal; por isso, os muçulmanos consideram o casamento como um ato de devoção a Deus que alimenta a fé (ABDALATI, 2013). Todavia, há outras questões ao se considerar o casamento, como a estabilidade financeira e uma forma de se estabelecer dentro da comunidade muçulmana. Contudo, há responsabilidades com os cônjuges, filhos, netos e outras famílias; tudo isso está presente em versículos no Alcorão e nas Sunnah.

Os direitos sobre a família são muitos, mas, em geral, o respeito, carinho, fidelidade e sustento são os que mais se envolvem em todos os núcleos familiares. Em consequência disso, pode-se perceber que as famílias muçulmanas são grandes; em geral, com muitos filhos e netos. Além disso, os muçulmanos acreditam que por vezes uns dos motivos das pessoas se converteram¹⁵ ao Islã é a preservação dos valores da família, aos quais algumas famílias se reconhecem e

¹⁵ <https://www.islamreligion.com/pt/articles/387/familia-no-islã-parte-1-de-3/> artigo que fala das experiências de mulheres e famílias se converterem ao islã por causa dos direitos islâmicos.

acabam afeiçoando-se à religião. Nas Sunnah, há inúmeras orientações de como se relacionar com seus familiares, entre os principais o respeito e carinho. Em alguns sites feitos pelas comunidades muçulmanas de todo o mundo, foram feitas secções com orientações específicas sobre a família, dentre eles está a relações com os pais, como visto no Alcorão: *“E vosso Senhor ordenou que não adoreis a ninguém senão Ele, e que sejais bondosos com vossos pais. Se um deles ou ambos chegarem à idade avançada em vossa companhia, não digais a eles ‘Argh’ e nem os repreendeis e falai com eles em termos honrosos.”* (Alcorão 17: 23). Nelas, diz-se como agradar a seus pais, como presenteá-los, como passar um tempo de qualidade, como adorá-los e obedecê-los. Além disso, há muitas outras orientações para cada membro da família.

1.5 Islãs no Brasil:

O Brasil, devido à sua historicidade, adquiriu um status de uma nação com um recorte de produções religiosas diversificadas, sendo uma região com processos de migração e imigração durante períodos de tempos, além do processo de globalização em que os mecanismos tecnológicos impulsionaram esse traço do “campo religioso brasileiro ser diversificado, dinâmico, criativo e profundamente híbrido” (ROCHA, VÁSQUEZ, 2014, p.17). Porém, ao desenraizar as culturas e religiões – que são parte da condição da pós-modernidade – percebe-se um aumento em estabelecer ortodoxias e limites nítidos, bem como a nostalgia e o desejo de recuperar o significado, a pureza e a autenticidade (ROCHA E VÁSQUEZ, 2014). Com essa reflexão, observa-se nas comunidades muçulmanas a necessidade da preservação da forma como vivem e os simbolismos que envolvem a imagem do mulçumano.

Os mulçumanos consideram o Islã como uma religião universal, não é uma cultura, como dito anteriormente. Ela dependendo de seu contexto atual e adapta-se aquela realidade onde está inserida. Dessa forma, considera-se que existem vários islãs; mas, apesar de estarem geograficamente espalhados em vários lugares, os preceitos islâmicos são os mesmos (MARQUES, 2009). Essa incongruência que se encontra em diferentes mulçumanos, pode ser vista nas vestimentas, na alimentação ou mesmo nos sermões das mesquitas, onde são discutidas questões da realidade daquela comunidade muçulmana em específico. Esse é um ponto que é perceptível

durante meu trabalho de campo, como pode ser visto pela fala do Sheik em Belo Horizonte/MG:

Uma questão que o Sheik pontuou é que tudo que envolve o Islã não é apenas a culinária ou a vestimenta que define o que é ser muçulmano, essas coisas podem sim fazer parte, mas depende muito da realidade de cada região (Diário de Campo, data 22/04/2022).

O Islã tem sua característica transnacional desde a época de seu surgimento em razão das características da região, onde se agrupavam clãs nômades. Por sua vez, Muhammad viajou no início trabalhando com trocas de mercadorias e depois para pregações sobre Allah. Penso que este dado possa traduzir um indício sobre o futuro do islamismo. Hoje acredita-se que 25% da população mundial é muçulmana, e esse dinamismo geográfico deu-se especialmente em virtude das instabilidades política e econômica da região do Oriente Médio. No Brasil, muçulmanos acreditam que o islã tenha chegado ao Brasil desde o seu descobrimento com a vinda dos portugueses, mas não há uma comprovação histórica.¹⁶ A chegada de muçulmanos no Brasil deu-se em dois períodos: no século XVII, ao virem muçulmanos africanos escravizados (que foram identificados na história como os responsáveis pela “Revolta do Malês”¹⁷). Em 1808, chegaram imigrantes de origem sírio e libanesa. Devido às crises nesses países, esses muçulmanos vieram em busca de trabalho, e acabaram por trabalhar nas indústrias têxteis e se estabelecer na região sudeste e sul do país. O mesmo aconteceu com os palestinos em 1948. Apesar disso, esses palestinos são apontados pelas lideranças religiosas locais como um dos grupos mais importantes entre a minoria muçulmana brasileira, sendo muito difícil precisar seu real peso numérico, uma vez que suas identidades são ressignificadas à luz de um contexto político bastante instável e dinâmico (CASTRO E VILELA, 2019).

Entretanto, esse contexto já não é mais norma na realidade dos muçulmanos brasileiros. Primeiramente, de acordo com as experiências de campo, foi-me dito que essas comunidades muçulmanas são, em sua maioria, brasileiros convertidos ao Islã. Além disso, devido à modernização, existem muitos casos de brasileiros que

¹⁶ Informação retirada no site www.sbmj.org.br, data de acesso 15/05/2022)

¹⁷ Essa revolta ocorreu em 1835, em Salvador, africanos escravizados de diferentes etnias, entre eles muçulmanos, ocuparam as ruas da capital baiana. (informação retirada em <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolta-males.htm>, data de acesso 30/05/2022)

conhecem mulçumanos estrangeiros pela internet, por meio das redes sociais. As autoras Barbosa e Pasqualin (2016) evidenciam que:

A palavra internet está intimamente ligada a palavra “globalização”, sendo esta última um termo atual no mundo socioeconômico, tendo despontado por volta de 1980, esse fenômeno não é uma realização do presente. Ele começou há muito tempo quando povos “ditos primitivos” passaram a explorar o ambiente em que viviam e, já no século XV os europeus viajavam pelos mares ligando o Oriente e o Ocidente. (p. 02)

Pode-se, assim, concluir que os mulçumanos no Brasil e seu surgimento fazem parte de um contexto de amplo estudo. Mas não se pode colocá-lo em uma linha temporal da história do país específica . Durante o período em campo, percebi que a população muçulmana não tem como ser homogênea e padronizada. Ao pensar em famílias muçulmanas, essa incongruência fica ainda mais evidente. No próximo capítulo vamos conhecer as histórias de duas famílias , o qual irá evidenciar as questões que foram discutidas anteriormente.

2 COMPARATIVOS DAS COMUNIDADES MUÇULMANAS SUL E SUDESTE

Quando se pensa sobre a comunidade muçulmana, pode-se ter um conhecimento preliminar incompleto e fragmentado sobre o islã e seus conceitos. A mídia nos mostra os aspectos negativos e positivos que são retirados das realidades de diferentes países, mas não podem ser uma referência global sobre o que é o islamismo e o ser muçumano.

Muito se relata sobre situações de islamofobia¹⁸ que acontecem em países que não são de maioria muçulmana, como nas Américas. São lembrados de acontecimentos violentos, como atentados¹⁹ e os acontecimentos mais recentes com o Talibã*²⁰ no Afeganistão. Mas, ao se fazer uma breve pesquisa no Google sobre o islã, também pode-se ser arrebatado por diversos sites cujo objetivo é democratizar a informação e desmistificar os mitos sobre essa antiga religião; tudo isso com apenas um click.

Com base nos poucos fragmentos de informações que possuía e na formação que tive no curso de Antropologia, fui conduzida a ter um pensamento sobre o conhecimento de forma liberal. Estando ciente de que a construção do saber, como pontuaram Laville e Dionne (1999), faz do "senso comum" uma forma de conhecimento e explicação sobre os questionamentos do mundo. Nota-se que este configura uma forma de produção de saberes, que devem, todavia, serem questionados. Quando postas em uma luz diferente podem diferir uma da outra. Quando se entra em contato com essa população muçulmana, percebe-se que a "realidade" deles é baseada em um complexo jogo de regras feito há mais de 1400

¹⁸

ver site:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/28/islamofobia-o-que-oprime-muculmanas-no-brasil-nao-e-o-lenco-diz-pesquisadora-da-usp.ghtml> (data de acesso 27/05/2022) Nessa reportagem, a antropóloga Francirosy Campos diz que preconceito e ataques contra fiéis do Islã no Brasil, especialmente contra mulheres, aumentaram após as notícias do Talibã tomando poder no Afeganistão.

¹⁹Um exemplo foi o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 nos EUA feito por uma organização fundamentalista islâmica, a al-Qaeda.

²⁰ O Talibã é um grupo fundamentalista que surgiu no Afeganistão, em 1994, durante a Guerra Civil Afegã e ele voltou ao poder no país em 2021. Utilizam a religião islâmica como justificativa para implementar um governo ultra radical. Ver site :

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/o-que-e-o-taliba.ghtml>, data de acesso 20/05/2022.

anos. Porém, ao pensarmos na atualidade algumas formas de saberes entram em conflito com as noções ocidentais, um exemplo seria o estranhamento do uso do véu, ou a necessidade de apenas os homens terem a responsabilidade de sustentar a família.

O trabalho de campo, o método etnográfico, é a forma como se pode compreender a vida social a partir do olhar do Outro. Para entender as comunidades muçulmanas de Belo Horizonte/MG e Pelotas /RS, é preciso se ater às simbologias que foram apresentadas durante as experiências de campo, pois legitima as interpretações dos pesquisadores. Assim, Goldenberg (2004) coloca – desconsiderando a concepção durkheimiana – ao concordar com George Herbert Mead, que pensa sobre a importância do interacionismo simbólico:

O interacionismo simbólico destaca a importância do indivíduo com o intérprete do mundo que o cerca e, conseqüentemente, desenvolve métodos de pesquisa que priorizam os pontos de vista dos indivíduos. O propósito destes métodos é compreender as significações que os próprios indivíduos põem em prática para construir seu mundo social. Como a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos vêem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através "dos olhos dos pesquisados" (p.27).

Com isso em mente para desenvolver esse trabalho etnográfico, atendo-me a essas questões. Além disso, priorizo os mecanismos que a autora nos traz. Como durante o campo, e no conseqüente processo de conceituar a comunidade muçulmana brasileira, não me esqueço do ato de olhar, ouvir e escrever, mencionado por Oliveira (2000), por mais que isto já esteja naturalizado na construção da pesquisa antropológica. É interessante, outrossim, frisar que o olhar e ouvir seria a minha percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica; e o escrever é o ato físico do pensar. Dessa forma, durante todo o trabalho de campo me oponho nessas percepções, ao escutar as rezas, mesmo não compreendendo a língua, a observar com as pessoas se portam dentro das mesquitas, o que elas vestem, com interação entre se, e usar a escrita para dar forma ao conhecimentos.

Para dar continuidade nas observações, procuro utilizar a "descrição densa" como forma de observação seguindo a lógica do Geertz (1978) de ser uma forma de atestar a realidade e transpor o leitor e escritor no universo do mundo islâmico. O campo deu-se nas mesquitas de cada cidade, onde, ao final dos encontros, tive a oportunidade de conversar com diferentes interlocutores que não foram todos apontados por seus nomes. Uma necessidade para proteger o anonimato de

algumas dessas pessoas. Como os encontros foram feitos nesses centros, acho interessante apresentar o universo desses espaços. Para isso, precisei me despir da minha imagem e me adequar aos parâmetros da mulher muçulmana; ao cobrir meus cabelos, braços e pernas, já estou me inserindo e vivenciando uma parte dessa realidade. A melhor forma de me desligar do perfil de entrevistador para pesquisador da área de ciências humanas é na observação participante, como o Saéz (2013) exemplifica:

(...) observação participante, mais do que uma técnica, é um ambiente dentro do qual ganham um valor modificado outras técnicas também em si muito amplas. Uma entrevista etnográfica, por exemplo, dificilmente exige alguma habilidade que não possa ser exigida de qualquer entrevistador, e se tem algo de específico provavelmente esteja mais do lado da restrição dos recursos técnicos que da sua amplificação. Um detetive, um jornalista ou um médico se esforçam, em geral, porque o entrevistado diga mais do que quer dizer(...) p.50)

Com essas especificidades, navegar-se-á no mundo mulçumano da cidade de Pelotas/RS e Belo Horizonte/MG.

2.1 Mesquita *Pelotas/RS*:

A primeira aproximação com a temática deu-se graças a um trabalho de observação participante desenvolvido como uma avaliação de conclusão da disciplina de Antropologia da Religião I. Esse foi o ponto inicial para a aproximação com o tema islã. Como consequência, descobri um grupo pequeno de famílias muçulmanas, moradores da cidade de Pelotas/RS. Apesar de existirem essas famílias, não encontrei material bibliográfico sobre elas.

Os homens se reúnem nas sextas-feiras em torno do meio-dia para fazerem uma oração mais longa e terem o sermão, onde falam sobre a vida, sobre Deus, e sobre os problemas da comunidade. Quem geralmente é o responsável por esses sermões é o Muhammad, sendo o imam²¹ eleito pela comunidade e marido de uma das minhas interlocutoras, a Aya. É ele que, em geral, recebe as pessoas que querem conhecer a mesquita, informa sobre o Islã e é o responsável por ministrar as aulas dos sábados para as mulheres. A minha observação deu-se, a princípio, na

²¹ Imam é quem conhece bem o Alcorão e as hadith do Profeta. Diferente do Sheik que precisa de uma formação, os Imane não.

mesquita construída por eles a partir de uma participação regular nas leituras e estudos do Alcorão.

A mesquita de Pelotas/RS possuía uma fachada que não possui placas de identificação e o seu ambiente da mesquita foi reformado para ser um lugar de pouca visibilidade, sua fachada não demonstra ser um lugar de religião, com cores bejes e de tons claros sem muita ornamentação, o interior espaçoso e com uma tapeçaria confortável para o louvor ajoelhado, sem móveis com poucos quadros espalhados, dando-nos a sensação de discricção. Na minha primeira, visita foi-me dito que na religião islâmica os momentos de rezas são divididos por sexos: as mulheres e os homens se reúnem separadamente. Assim, cada gênero possui seu espaço para suas práticas, porém, em Pelotas, não existe um espaço físico para as mulheres. Em decorrência disso, elas não se reúnem para orar. Ainda assim, para que haja uma organização para as mulheres se reunirem e se aprofundarem com sua religião, foram propostos encontros, aos sábados, para os estudos do Alcorão, tornando um momento de liberdade e aprendizado.

Na reunião do sábado, participaram sete mulheres contando com a Aya: duas eram brasileiras recentemente convertidas; três, de família muçulmana tradicional, que, como da Aya, vieram da Palestina, e uma uruguaia convertida. A comunidade muçulmana de Pelotas/RS é pequena comparada a de Livramento/RS e Chuí/RS. Em Pelotas, existem quatro famílias tradicionalmente muçulmanas, dentre as quais três são descendentes da Palestina, e uma Libanesa.

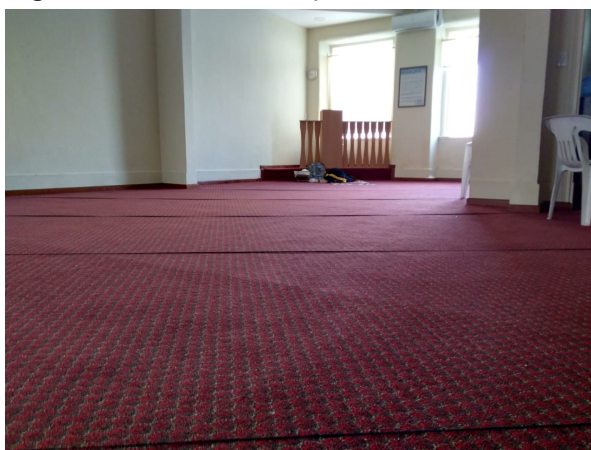
Foi durante esses momentos que eu, como estudante e mulher, consegui aproximar-me da temática da proposta do trabalho. Contudo, descobri posteriormente que esse era um traço específico da mesquita de Pelotas, não sendo a mesma realidade de outros centros islâmicos do Brasil (evidenciada pela minha experiência em Belo Horizonte). Lá tive a oportunidade de acompanhar as orações das sextas-feiras, obrigatórias pelos homens de acordo com o Alcorão, pois nessa Mesquita não existia essas diferenças no que diz respeito a espaços para mulheres e homens.

Figura 1- Fachada da Mesquita Pelotas/RS



Fonte: Lisley Leão de Jesus 2019

Figura 2- Interior da Mesquita Pelotas/RS



Fonte : Lisley Leão de Jesus 2019

2.2 Mesquita Belo Horizonte/MG:

A mesquita está localizada no bairro Mangabeiras, em Belo Horizonte/MG, umas das regiões residenciais mais caras da cidade. A cerimônia²² de abertura da mesquita ocorreu em 27 de outubro em 1989, organizada pela Associação Beneficente Muçulmana de Belo Horizonte. Nesse ano, foi aprovado o terreno e o projeto arquitetônico, que foi feito pela A.N.A.U^{*23}, para o começo da construção logo depois.

Figura 3- Fachada da Mesquita de Belo Horizonte/MG



Fonte: Livanía Andrade 2017* ²⁴

²² <https://www.youtube.com/watch?v=tqZM2ljjtqI>. Esse vídeo mostra como foi a cerimônia da abertura da Mesquita, foram convidados vários embaixadores de diferentes países de maioria muçulmana, o embaixador da Arabia Saudita que começou a cerimônia, além da presidente da sociedade muçulmana. Nele, realizaram-se orações e colocação da “pedra fundamental”, marco para o começo da construção. Data de acesso 10/04/2022.

²³ Association Nationale des Architectes et Urbanistes.

²⁴ Retirada em : <https://bit.ly/3xaLbS9>

Figura 4- Interior da Mesquita de Belo Horizonte/MG



Fonte: Lisley Leão de Jesus 2022

A mesquita tem uma arquitetura diferenciada que chama a atenção dos transeuntes. Na minha primeira visita, percebi que um homem em uma moto parou e tirou foto da fachada do lugar. O olhar de curiosidade e estranheza, por provavelmente não ter o conhecimento de que existe uma mesquita na cidade e uma comunidade muçulmana. No meio de uma metrópole, pode ser esquecido que existe uma pluralidade de reflexos culturais, muito mais que apenas experiências culinárias árabes, esses estabelecimentos são apenas uma ponta de um universo muito maior, diferente do que o resto da população possa acreditar ser o único. Apesar de haver compreendido, depois das reflexões e dados anteriores, que o islã não é uma particularidade de um país específico, a população brasileira em geral não possui esse conhecimento.

Na minha primeira visita, ao chegar na mesquita, fui orientada a colocar o véu e a sentar-me nas cadeiras ao fundo do espaço acarpetado próprio para as rezas, onde alguns homens já estavam fazendo suas orações. Essa posição que me foi colocada me lembrou de Marques (2009). Ao fazer um estudo das comunidades muçulmanas do Brasil e Portugal, a autora percebeu que se sentia “como uma

hóspede em um lugar limpo e arrumado (...) sempre bem recepcionado por anfitriões, mas delimitado em um espaço fronteiroço que delimita a parte inferior e íntima" (p. 27). Entretanto, nunca consegui sair das cadeiras ou daquele espaço. Mesmo sabendo que a Mesquita era a morada do Sheik nunca fui convidada a conhecê-lo. Talvez por serem pessoas em geral mais reservadas, ou que o convívio não fora tão assíduo para poder avançar nas relações, para ele eu era a "estudante". A mesquita recebe muitos estudantes em busca de entrevistas e dados factuais sobre o espaço, diferente da forma como é desenvolvido um estudo etnográfico.

Havia em torno de dez homens e um menino, que devia ter por volta de sete anos. Ocorre uma primeira chamada! Era nesses momentos que os homens separadamente faziam suas orações. Eles chegavam aos poucos e iam se organizando separadamente. Antes de tudo, um homem, que descobri depois ser o filho do Sheik, começou com uma oração em tom alto. Ele colocou as mãos ao ouvido para ajudar a chegar à entonação necessária. Seu corpo balançava fazendo uma alusão a um "transe"²⁵. A autora Ferreira (2009) faz uma alusão "a oração dos mulçumanos como poética do corpo (...), não como algo que está restrito à recitação de palavras, mas em que as palavras cadenciam os movimentos do corpo (...) O sensível é exposto ao extremo, de modo a criar uma estética/poética do corpo" (p.14).

Ao conversar com o Sheik, ele me apresentou um homem, que prefere não ser identificado, que auxilia quando aparecem convidados ou estudantes querendo conhecer a mesquita. O Sheik às vezes fica envolvido em cumprimentar ou auxiliar os outros de sua comunidade. Ele disse que, visto que o Alcorão não tem tradução, todas as orações são em árabe em todo o mundo. A falta de tradução dá-se porque a língua árabe tem uma conotação espiritual. Ao traduzir, perde-se essa essência. Isso me lembrou como o comportamento corporal das pessoas muda ao fazer as orações. Além das posições indicadas que veremos mais tarde, há um processo que leva tempo e dedicação para chegar nesse patamar espiritual. Dessa forma, estou de acordo com Zumthor (2000, apud Ferreira 2009) quando ele afirma que:

Zumthor (2000) diz que a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo, ela desaloja o homem do seu corpo. Nas palavras dele, a voz não é especular; escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, uma voz que vem de outra parte e exige de mim a atenção que se torna o meu lugar. O

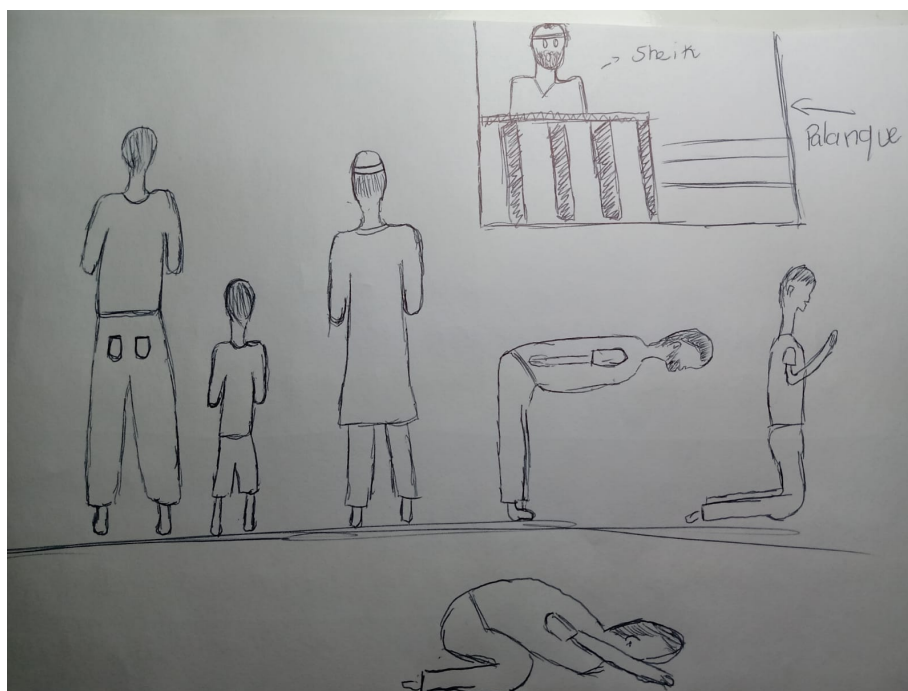
²⁵ Quando pensado em transe e a forma como a pessoa fica conectada com a reza, se abstrai de qualquer momento presente para se ligar na fé e em Alha.

balanço do corpo do muçulmano e a recitação constante fazem com que esse se liberte, tamanha a concentração nas palavras vocalizadas repetidamente; assim como para quem ouve um som, pode-se dizer que ouvir nos faz mexer o corpo. O chamado para a oração é esse primeiro envolvimento do sensível, o audível que é comunicado e reverbera pelos demais sentidos.

Zumthor (2000) insere a voz em várias terminologias: ela é uma coisa, pois possui materialidade; a voz vem da boca, estabelece a oralidade. Nesse sentido, defino-a como o eu e o não-eu. A voz repousa no silêncio do corpo, mas também a linguagem humana se liga, com efeito, à voz, que se situa entre o corpo e a palavra. Zumthor observa também que a voz se diz e a palavra é a memória de alguma coisa. As pessoas que conheceram mesquitas no Marrocos, Espanha, Paquistão etc, sempre me falaram das recordações sonoras e visuais desses espaços islâmicos (p.15).

Em seguida, o Sheik começou a ministrar o encontro fazendo as orações em árabe, com uma pausa onde faz um sermão em português. Na sequência, continuaram com as orações obrigatórias. Ele subiu em um pequeno palanque e rezou em conjunto aos outros. Depois ao final ele desceu e os homens se enfileiram na frente do sheik. Quando eles se enfileiram, em três momentos eles se abaixaram, de joelhos, mãos à frente e um toque da cabeça ao chão. Nesse momento, ao observarmos a justaposição dos corpos podemos associar ao Robert Hertz(1980), em *“A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa”*, ao qual percebe que “a posição do homem no espaço, não é indiferente e nem arbitrário”(p.123), esses movimento na oração são a forma de se comunicar ao poderes sagrados, ser devotos e desligar das obscuridades que existe nos seres humanos. A simbologia que carrega esses movimentos são mais complexos do que apenas costumes.

Figura 5- Desenho do campo



Fonte: Lisley Leão de Jesus (2022)

Ao longo desse rito, é interessante fazer referência a Schecher(2012). O autor apresenta que ao estudar performance “consistem de comportamentos duplamente exercidos, codificados e transmissíveis(...) comportamento duplamente exercido é gerado através da interação entre o jogo e o ritual”(p.49). Ao pensarmos que a oração é um ritual podemos ligá-lo a uma performance ,pois existe um compilado de regras e posições no ato de reza. Por meio dessas considerações, observo os muçulmanos nos momentos de oração da mesma forma, já que eles se distanciam de qualquer poder ou imagem. Todos são reflexos de devoção. Esse rito tem a característica de demonstrar humildade e submissão a Deus, como próprio da religião. As pessoas entram naquele ambiente cobertas e descalças, tiram qualquer traço de uma vida ou personalidade; esse momento é somente para Allah.

Toda essa ação é fundamentada em orientações escritas, repassadas em geração, ao considerarmos esse ponto me remete a uma fala de um interlocutor ao dizer que “o Alcorão é holístico, atemporal e literal”. Todo esse sistema de comportamento veio das orientações do Alcorão e como ele não sofreu mutação em qualquer lugar do mundo e do tempo, os muçulmanos estão agindo e estruturados dessa forma.

A mesquita é frequentada por um pequeno grupo de trinta pessoas, em sua maioria homens de idades variadas, entre 20 e 70 anos. Todavia, devo ressaltar que

esse fato se dá em razão de ter participado às sextas-feira, dia em que os homens têm como obrigação de comparecer. As mulheres podem frequentar a mesquita também, porém como não está em seus deveres. Elas comparecem quando querem ou se possuem algum tempo dentro de suas agendas. Afirmo isto por causa da minha experiência em Pelotas quando a resposta foi diferente. Ao perguntar ao Sheik sobre isso, ele me respondeu que qualquer lugar da mesquita é de oração. Entretanto, a única situação que poderia acontecer era que geralmente as pessoas se posicionam em linhas. Os homens na frente, depois as crianças e, por último, as mulheres. Demonstrada nas únicas fotos da mesquita, a seguir:

Figura 6- Foto de Mesquita de Meca



Fonte: Lisley Leão de Jesus 2020

Soma-se a tudo isso o fato que há mais muçumanos do que aqueles que estavam presentes, mas pelo fato desses encontros serem às sextas-feiras são poucos que conseguem comparecer, por comprometimento em trabalhos ou estudos. . Uma condição que pode trazer conflitos no trabalho, visto que, além das sextas feiras, existem outras orações que são feitas ao longo do dia, diferente de alguns países de maioria muçulmana onde as pessoas têm a oportunidade de tirar esse momento. A outra logística ao ser muçumano no continente sul americano, pois além dessas situações pragmáticas da rotina, existe o “estranhamento” do resto da população brasileira com a população que pode resultar em preconceitos em virtude da falta de conhecimento sobre do Islã; preconceito sobre o que é ser muçumano. As noções ocidentais podem ir contra algumas das leis (sharia) do islã, como exemplo: não beber, sexo apenas depois do casamento, não comer carne de porco, o uso de véu, entre outras coisas. Por outro lado, há essa divergência de hábitos segundo a qual os muçumanos buscam contornar essas medidas, como por exemplo, o uso do véu por algumas brasileiras somente após o casamento (Castro 2015). Essa intenção pode ser pelo reflexo pela “(...) suposta interpretação, por parte dos brasileiros, do véu como um traço cultural estrangeiro (...) o véu seria visto como um comportamento ou costume não pertencente à “identidade cultural brasileira” (Castro, 2015,p .371).

A mesquita possui dois andares, com duas entradas diferentes, onde no primeiro andar estão os banheiros que as pessoas podem usar para se trocarem e fazerem a ablução²⁶, o segundo andar é voltado para orar. O segundo andar está dividido em três espaços: no centro, um jardim de inverno, ao seu redor possui algumas cadeiras; uma sala aberta à esquerda da entrada com alguns sofás (era nesse lugar onde as conversas e entrevistas aconteciam); ao fundo, uma espaçosa sala acarpetada com lugares para se colocarem os sapatos e um palanque ao qual o Sheik se posiciona para ministra o encontro.

O Sheik disse que qualquer lugar da mesquita é lugar para orar, portanto esses espaços são mais para trazer conforto aos encontros obrigatórios pelos homens, de ser um espaço fora de seu ambiente familiar para fazer essa prática tão importante e ser um local para o Sheik poder trazer assistência a seus semelhantes, muçumanos, a sua comunidade. A mesquita demonstra ser um espaço não apenas

²⁶ Limpeza que se faz antes das orações, depois de qualquer atividade sexual e depois do período menstrual.

para preces e também de socialização. Ao final dos encontros as pessoas se cumprimentam e conversam sobre as suas vidas, o Sheik às vezes fica ocupado por ser sempre abordado por todos. A Ferreira (2009) aponta que é uma possibilidade que a sociabilidade islâmica é em grande parte nesses momentos, pois como ela fala: “(...) na *jum´a*²⁷ (...), reforçam-se os laços de amizade e de ajuda mútua, principalmente quando o grupo percebe que uma determinada pessoa deixou de comparecer à oração, sabendo de sua assiduidade. A comunidade reforça o sentimento de pertencimento, tão comum a quem segue alguma religião.” (p.113)

2.3 Famílias e o Alcorão:

A família no Islã tem como função ser uma das bases fundadoras de qualquer sociedade humana, mas o que mais chama a atenção no Islã sobre a família é como existe um apanhado de direitos sobre cada membro familiar. Esses direitos – ou “valores” – corroboram o entendimento de que a estrutura familiar de qualquer família muçulmana seguirá os mesmos princípios (todavia, não se exclui as influências culturais). Uma família que tenha descendência árabe, por exemplo, preserva algumas influências tradicionais de seus países. Um exemplo é a prática de comer tâmara na quebra de jejum no período de Ramadã. Ainda assim, isso não quer dizer que todos os muçulmanos brasileiros alimentam-se dessa fruta, pois o Brasil não é uma região que a produz, tampouco é fácil ou barato de encontrar. Mas não quer dizer que essas pessoas estão praticando o Islã de forma incorreta. Com esses apontamentos em mente, pode-se ilustrar a ideia de Duarte (2006) que dizer que:

Qualquer iniciativa que tenda a influir na vida social contemporânea de modo a viabilizar sua adequação aos valores modernos por excelência, esses que ainda vibram sob as palavras-chave liberdade e igualdade, enfrenta a necessidade de indagar como se articulam ‘família’ e ‘religião’, de que modo conformam representações e experiências da subjetividade mais ou menos sensíveis à pregação modernizante. Tais perguntas têm sido feitas pelos cientistas sociais, e é de todo conveniente que se combinem a pesquisa sistemática e a disposição de agenciamento democrático da sociedade para que possam emergir, abundantes, os frutos do conhecimento empírico e da reflexão teórica e comparativa (p. 08).

²⁷ Nome da oração das sextas-feiras.

Durante uma visita, tive a oportunidade conversar com uma senegalesa, que mora há onze anos no Brasil. Ela é de uma família muito tradicional muçulmana, e ao perguntar-lhe sobre sua concepção de família, ela disse que “a família seria como a raiz de uma árvore, ela que dá o sustento da religião”. Pode-se concluir, assim, que a ideia de família afasta-se de uma necessidade natural ou biológica, mas, ainda assim, é uma forma de “aliança”, como usado por Augé (1975), no sentido de que alicerça a construção do que os muçulmanos chamam de Ummah (comunidade), começando por um rito que é o casamento conceituado por Lévi-Strauss “... o parentesco constitui um sistema organizado em redor de uma ‘estrutura mínima’ ou ‘átomo de parentesco’ de que as alianças matrimoniais são, do mesmo modo que a filiação, um dado imediato.” (Augé,1975 p.17). Quando pensamos que o ser humano ao se relacionarem , formulam regras e pensamentos para corroborar a união dos pares, diferente do reino animal, o humano precisa de um sentido ao se relacionarem. No islã o casamento é esse ponto crucial de virada para a união com os outros. Por isso que venho com a noção de “aliança”, o qual determina esses processos ritualísticos.

Como o Islã tem o caráter de ser uma forma de vida mais do que uma religião, segundo meus interlocutores, muitos se convertem em busca de uma forma de vida diferente. Uso a experiência desse interlocutor que afirma ter se tornado muçulmano há nove anos; e sua esposa, há oito anos Ele contou ter descoberto no Islã ao buscar questões que ele não conseguiu resposta a não ser no Alcorão. Isso aconteceu em um momento que estava em uma livraria e acabou encontrando um Alcorão, que procurou estudar e, por ali, se encontrou. Já era casado na época quando começou a se integrar ao islã, sua esposa, depois de um tempo, por interesse próprio, começou a praticar e estudar. Acabou gostando de como sua vida tinha mudado para mais feliz. Ele ainda contou que, para se tornar um muçulmano, é preciso paciência e disciplina; é um processo gradual. É dessa forma que se vai construindo a fé e aumentando a comunidade muçulmana brasileira. Nesse momento veremos outros exemplos de famílias e com elas diferem-se.

2.4 A família de Aya e Muhammad:

Aya veio da Palestina, mora em Pelotas/RS com seu marido Muhammad e seus dois filhos, uma menina de três anos e um menino de dois. A história de sua

família e a de seu marido começa na Palestina. O pai de Muhammad veio ao Brasil quando tinha dezessete anos em busca de trabalho e para fugir da situação da Guerra²⁸. Ele tinha um tio que morava em Pelotas e tinha uma loja. Sendo assim, ele veio para trabalhar com esse tio e, com o tempo, conseguiu abrir um estabelecimento próprio. Estabelecido aos 35 anos, ele decidiu voltar por um tempo na Palestina a fim de conhecer sua futura esposa. Eles se casaram e voltaram para Pelotas, onde tiveram sete filhos, duas meninas e cinco meninos. Com o tempo, na idade adulta, três dos filhos se casaram com mulheres Palestinas, quando chegou o momento em que eles estavam preparados para casar e terem uma família como dito pelo Alcorão. Foram à Palestina, para ver sua outra parte da família e conheceram suas esposas. Segundo o islamismo, não existe o ato de “namorar” da forma como se entende no Brasil. O casamento é o começo das relações amorosas, pois o toque só é permitido entre familiares próximos e seus maridos e esposas respectivamente. Portanto, esse processo de se conhecer dá-se por meio de conversas, para enfim saber quais são as intenções de cada um, se existe um interesse romântico e de compromisso por parte de ambos, além de, ao final desse processo, terem a aceitação por parte das famílias dessa união. Aya disse que na Palestina existe até uma forma de ação legal, eles quando percebem um interesse, na espera da decisão fazem como se no período de “noivado”, um contrato, um “casamento no civil”, para mostrar para a comunidade que as intenções são claras e certas. Esse é um exemplo que mostram as diferenças das relações em um país de maioria muçulmana e na situação do Brasil, o qual “namoro” não é visto com tanta formalidade.

Aya me contou um pouco como foi sua vinda ao Brasil. À época, ela não possuía nenhum outro parente, além dos sogros e cunhados. Então recém-chegada a Pelotas, sem saber falar português, ela ficou um pouco frustrada no começo por não conseguir trabalhar. No início, trabalhou na loja do marido, sempre tentando conversar com brasileiros a fim de aprender mais sobre a língua portuguesa. Ela tinha acabado de se formar em odontologia e gostaria de trabalhar, mas, ao passar dos meses, quando ela começou a conseguir aprender um pouco mais sobre a

²⁸ Conflito Israel e Palestina, em sua essência histórica, consiste em uma disputa entre judeus e muçulmanos pela posse da cidade de Jerusalém. Esse é o nicho que desenvolveu diversos outros conflitos, que por consequências causaram uma onda de violência, instabilidade política e econômica. Até hoje, esse evento histórico é um motivo que impulsiona muçulmanos a migrar em busca de condições de vida melhores.

língua, com ajuda de uns professoras e amigos, ela resolveu ingressar no mestrado. Na época, ela conseguiu fazer muitas das aulas à distância e com uma orientadora que falava inglês. Com o decorrer do tempo, ela conseguiu terminar seu mestrado e continuar seus estudos, com um doutorado. Perguntei a Aya como ela conciliou suas orações com as aulas, e ela respondeu que sempre conseguia arranjar uma sala vazia no meio do dia e com a ajuda de suas amigas a não ser perturbada nesse momento. Ademais, ela afirma que as pessoas ficam assustadas ao pensar em como tirar cinco momentos no dia para fazer a oração, mas sempre tem como se acomodar. A reza é obrigatória e rígida, porém também é flexível. Se em algum momento não é possível fazer no horário certo, somente faça duas em vez de uma.

Ao perguntar a ela sobre o que o Alcorão fala sobre a família, ele me disse que possui muitos ensinamentos, sobre vários aspectos da vida, como o casamento, divórcio, respeito sobre pais, mulheres e filhos, em relação aos mais velhos, entre muitas outras coisas. Ela reitera que nas reuniões uma frase que é recorrente é “Deus nunca associou seu nome a ninguém, a não ser aos pais”.

2.5 Família do Sheik:

No dia que conversei sobre a família do Sheik, tinha uma mulher que estava para conhecer a mesquita e conversar um pouco sobre o Islã, ela me disse que não sabia que tinha uma mesquita em Belo Horizonte, mas depois de ter feito uma amizade com uma muçulmana ficou curiosa sobre a religião e procurou, via Facebook, se informar quando abria e como poderia conhecer. O Sheik disse que, como sua filha estava de visita, ela poderia conversar conosco.

Imane, filha do Sheik, que estava vestida com um véu de cor azul escura com uma blusa de botões de manga comprida e saia longa em tons de azul, nos deu um breve histórico sobre o Alcorão e o que ele diz sobre o universo. Depois de a mulher ter ido embora, fiquei por mais tempo – para perguntar sobre a vida do Sheik. Sua irmã me disse que o Sheik era do Marrocos, formou-se em teologia na Arábia Saudita e veio ao Brasil por dois anos para se tornar um Sheik, “o velho” ²⁹ (faço

²⁹ A tradução de Sheik significa ‘o velho’, mas não quer dizer que sua essência está na velhice de idade, mas em sua gama de informação.

essa referência pela forma como se apresentou em nosso primeiro encontro), voltou ao Marrocos e conheceu sua esposa por meio de amigos em comum. Eles voltaram ao Brasil e tiveram três filhos – duas mulheres e um homem. Seu irmão mais velho, no entanto, ainda não é casado, e sua irmã recentemente casou-se, mas mora no Canadá com o marido.

Imane casou-se em 2020 e contou como foi a experiência do relacionamento. Eles se conheceram pela internet e conversaram por cerca de um ano *online*. Ele veio de uma família católica e fazia pouco tempo que tinha se convertido quando eles se conheceram. Ela disse que quando perceberam que gostariam de ser mais que amigos, começaram a procurar conhecer mais profundamente um sobre o outro, sobre suas famílias e sobre suas aspirações antes de formalizarem a união. Ela acrescentou que foi até o seu pai quem o conheceu pessoalmente primeiro. Ele havia ido a um congresso em São Paulo, estado onde seu marido ainda mora, onde o conhece. A partir daí, foi aprovada a relação. Imane disse ainda que achou que o fato de terem se conhecido pela internet facilitou bastante, acabou ficando mais fácil estar ciente das reais intenções sem se abstrair por sensações carnisais.

Quando Imane me contou esse sentimento, remeti-me a um momento em campo, onde pude presenciar uma conversa entre o Sheik e uma mulher que precisava de conselhos. Essa mulher não era muçulmana, mas conheceu um senegalês pela internet. Ela veio até a Mesquita na esperança de receber alguma orientação sobre vistos, mas o Sheik só prestava serviços de cunho espiritual. O máximo que poderia fazer por ela era orientar seu marido no momento de sua chegada ao Brasil sobre qualquer filiação espiritual. Mas ele a aconselhou a tomar cuidado, pois muitos estrangeiros podem aproveitar a oportunidade de apenas sair de uma situação ruim em seu país para poder começar em outro. Essa fala do Sheik remete ao trabalho de Pasqualin (2018) sobre casamentos interculturais entre mulçumanos estrangeiros e brasileiras que se conheceram na internet. A autora conclui que:

Este tipo de relação, mais do que as relações presenciais, estaria pautada no mundo das ideias. Contudo, esta competência em se apresentar ao outro de forma comedida, existente no relacionamento virtual, também nos alerta para o fato de que é preciso estar ciente de que no amor online, a possibilidade de “dar asas” à imaginação, e assim dialogar com a fantasia (tanto a nossa quanto a do outro), é muito maior quando o contato é realizado nos limites de uma tela de computador, já que esta distância física permite tempo para tecer e alimentar o imaginário” (p.120).

Ao percebermos como o virtual se conecta com o real e a Imane construiu um relacionamento dessa maneira. A confiança de sua família e em seu relacionamento fez ser possível essa “aliança”. Logo após, Imane e seu marido se casarem, passaram a morar em São Paulo com os sogros, ela disse que a família aceita muito bem eles serem muçulmanos, respeitados os seus limites. Ela disse que eles são católicos bem devotos, e fez uma analogia que não faltava muito para serem considerados muçulmanos por estarem em tanta devoção a Deus.

A Imane contou um pouco da experiência dela com o Islã, ela sendo filha do Sheik e sua mãe sendo muito envolvida com a mesquita e a religião. Contou-me que desde pequena esteve envolvida nesse meio. Seus pais sempre a incentivaram, ensinando sobre Muhammad, sobre o Alcorão e suas lições, e ela sempre praticou de forma bem natural, como qualquer família religiosa. No entanto, ela afirmou que nunca se sentiu obrigada ou coagida a seguir o islã. Contudo, essas condutas de seguir com orações, jejuar, e entre outras coisas não agradavam a Imane durante a juventude. Ela confessou que não fazia com o mesmo respeito que seus pais. Ela reproduzia de forma automática, sem ver o peso que essas ações tinham para os praticantes do islamismo.

Além disso, ela não via sentido em ter tantas referências negativas, por parte de outros, sobre o islã. Como consequência, isso a fazia se sentir dividida. Por um lado, acreditava-se que as mulheres eram subjugadas; de outro, eles eram associados às práticas de terrorismo e sofriam preconceito por causa disso. Isso a deixava em conflito, pois ela tinha uma visão dentro de casa e de sua comunidade bem diferentes do que era retratado para o mundo.

Isso mudou para ela quando entrou na pré-adolescência, entre seus doze a treze anos. Ela me disse que foi uma época em que andava muito triste e desmotivada. Entretanto, uma amiga a questionou “por que você não vai ler sua bíblia(Alcorão)?”. Ela refletiu e percebeu que sempre esteve com um Alcorão entre as mãos, mas nunca realmente estudou. Com esse *insight* ela passou a reconhecer, e ficar melhor e mais feliz, porque todas suas aflições estavam sendo respondidas no livro. Imane disse ainda que acredita que uma das coisas que mais convidam as pessoas a tornarem-se muçulmanas é a percepção de como a vida pode mudar para melhor e como são pessoas mais felizes. Essa situação foi vista pela sua amiga, que a orientou a ler o Alcorão, depois de alguns anos, converteu-se também ao islã. Da

mesma forma, aconteceu com um primo de seu marido que, ao ver as mudanças na vida de seu próximo, começou a estudar e acabou convertendo-se.

Imane me contou que depois da percepção concluiu que faria somente aquilo que fazia sentido para ela, como o uso do véu, por exemplo. Ela começou a usá-lo depois de ter se sentido pronta; momento que normalmente acontece tradicionalmente depois da primeira menstruação. Todavia, ela somente começou usá-lo quando mais velha, agora o usa e se sente completa e empoderada. Essa fala me remeteu à experiência de Mahmood (2006, apud Ferreira,2013). A autora paquistanesa realizou uma etnografia com os movimentos feministas no Cairo, Egito, e percebeu que, para as mulheres locais, o uso do véu tem a conotação de ser um produto de escolhas livres, onde se libertam das hegemonias dos códigos ocidentais. No entanto, ao perguntar à senegalesa que conheci, disse-me que o véu, para ela, era mais de ser uma das leis e obrigações que se devem seguir de acordo para o Alcorão. Para ela, era uma forma de proteção, pois ao esconder o cabelo e a pele, dá menos liberdade de as pessoas te julgarem. A autora Castro(2015) faz uma análise sobre o uso do véu e por vezes o receio de usá-lo. Ela explica que:

No caso do Brasil especificamente, o preconceito da sociedade mais ampla barra o projeto de diversas mulheres de fazer o uso da vestimenta islâmica e incentiva a valorização do sentimento e da fé, em detrimento da prática. Contudo, o caso das convertidas é diferente das imigrantes e suas descendentes. Enquanto estas últimas se preocupam com as pressões de abasileiramento da sociedade hospedeira, as convertidas sentem que precisam provar que são membros legítimos da comunidade religiosa (p.375).

Possuo um livro de quadrinhos chamado Persépolis da ilustradora Marjane Satrapi (2017), o qual conta a sua história sobre o momento em que viveu no Irã, uma revolução popular que se tornou uma ditadura islâmica. Ela e sua família não praticavam o islamismo, mas por causa do regime, foram obrigadas a usar o véu. Existe uma passagem do livro que mostra como foi inicialmente:

Figura 7- Ilustração do livros Persepolis



Fonte: Marjane Satrapi (2017)

Essa passagem lembrou-me da fala da Aya, minha interlocutora de Pelotas, quando perguntei a ela sobre como ela fará em relação aos filhos no momento que chegar à puberdade. Sua filha tem três anos e, tradicionalmente, o uso do véu é depois da primeira menstruação. Todavia ela me respondeu que cria os filhos no islã e sempre vai os incentivar. Se quiserem obrigar a usar sem que faça sentido para a criança, apenas afastará mais dos princípios do islã. No quadrinho, percebe-se como esse véu ainda não é nada simbólico, mas apenas um tecido que se pode usar da forma como quiser.

Imane fala que, quando se fala sobre o islã, não se pode colocá-lo de forma quadrada; ele pode variar de pessoa para pessoa e região para região. É uma religião muito antiga e provavelmente houve mudanças. Diferentemente do Sheik que acha que isso pode ser uma situação negativa, Imane vê como positivo transpor essas linhas retas.

Ao pensar em família pode-se considerar da mesma forma. Não há um modelo ideal de família muçulmana no Brasil, pois muitos são convertidos depois de mais velhos, suas famílias ou cônjuges não tendo se convertido. Há uma infinidade

de exemplos. Apesar de ser uma situação recorrente, não quer dizer que seja feliz ou ideal, porque o casamento é considerado como metade da fé da pessoa no islã como diz no alcorão:

“Quando um homem se casa, ele cumpre metade de sua religião, então deixem-no temer a Deus em relação à metade restante.” (al-Baihaqi)³⁰

“E dentre Seus sinais, está que Ele criou, para vós, mulheres de vós mesmos, para vos tranquilizardes junto delas. E Ele colocou amor e misericórdia entre vossos corações. Por certo, nisso há sinais para aqueles que refletem.” (Alcorão 30: 21)

Considerando antropologia e parentesco, pode-se afirmar que as famílias muçulmanas são patriarcal, pela justificativa de os valores do Islã que envolvem o papel masculino dentro de uma família e de responsabilidade financeira, instruir os filhos em sua formação e responsabilidades sociais ou políticas. Como é visível através das famílias entrevistadas, ambos os pais têm uma responsabilidade espiritual, por serem Imam e Sheik, responsáveis em guiar os muçulmanos e assumirem um lugar de liderança com suas comunidades. Pode-se também considerar a família sendo uma forma de integração social, associando assim à estrutura que Woortmann (2018) considera:

Segmentação e descendência' foram tidos como os princípios estabilizadores da sociedade, eliminadores de conflitos e contradições; por isso mesmo, as sociedades “segmentárias” eram tratadas como se fossem, em si, imutáveis, a menos que afetadas por fatores exógenos. Admitia-se, correlatamente, que os “papéis” fundamentais eram “parentesco-designados”, e que sua rede compunha o embasamento da estrutura social (p. 153).

No islã, a família é moldada por um manual, composto pelo o Alcorão e pela Sunnah, escritos que existem há muitos séculos. Entretanto, de acordo com a concepção muçulmana, não houve qualquer modificação dos ensinamentos. As estruturas familiares são as mesmas em qualquer parte do mundo, porém existem fatores geográficos e políticos que podem influenciar alguns segmentos, como apontado por Imane anteriormente. Sendo assim, concordo com Duarte (2006, p. 8) sobre: “a necessidade de indagar como se articulam ‘família’ e ‘religião’, de que modo conformam representações e experiências da subjetividade mais ou menos

³⁰ Uma narração do Profeta, por Anas b. Malik, seu servo pessoal; coletada e comentada pelo Imam al-Baihaqi em Shu'ab al-Iman (Ramos da Fé). Retirado do site: <https://www.islamreligion.com/pt>, data de acesso, 14/05/2022.

sensíveis à pregação modernizante”. Fazendo essa ligação, percebe-se que esses dois conceitos se articulam de modo a fazer com que um dependa do outro para realmente entender o islã. Mas as configurações de famílias são particulares a cada um. Logo, haverá sempre aquelas onde todos praticam o islã, enquanto em outras apenas alguns membros familiares reivindicam-se como muçulmanos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O estudo antropológico sobre a religião sofreu modificações em seus objetivos depois do processo pós-moderno da globalização. O conhecimento por meio da tecnologia ficou mais dinâmico e acessível, essa sendo uma grande influência para as pessoas começarem a se interessarem na vida dos muçulmanos. Otávio Velho (1997) propõe pensarmos na realidade moderna dos estudos da religião em ater:

(...) isso significaria obrigar a uma leitura mais detida da sua tradição, na medida em que se teria de enfrentar não apenas os desafios de um novo objeto, mas a desnaturalização (ou desconstrução, se se preferir) de uma série de hábitos profissionais, com repercussão na avaliação da própria história da disciplina, sobretudo na de algumas tendências hoje dominantes que, vencedoras de antigos embates, ocultam outras possibilidades (p.134).

Dessa forma, para estudar as comunidades muçulmanas no Brasil e no mundo, é importante associar os conceitos de religião e de família, pois não existe um sem o outro. Como em outras religiões, a fé islâmica é trabalhada dentro do ambiente familiar, você pode até participar dos encontros às sextas-feiras, mas vivenciar todos os aspectos da religião, somente é possível quando se está em convívio com uma família muçulmana. Concluo, assim, que o alicerce da comunidade e da religião se sustenta nas relações familiares, mas não posso esquecer de ressaltar o meio influencia em alguns aspectos identitários desses vínculos, pois não se pode esquecer que o Brasil é um país ocidental, e alguns valores do islã não fazem parte da realidade do resto da população. Por isso, há uma preocupação em manter esses laços familiares, em ocupar os espaços das cidades, fazendo com que essas comunidades saiam da obscuridade, ressignificam o que é ser muçulmano, além de desligarem-se das imagens preconceituosas que a visão do ocidente fomentou. Logo, concordo com o Truzzi (2008) expõe:

(...) etnicidade e religiosidade tendem a reconfigurar-se continuamente à medida que o grupo cresce (inclusive com convertidos), (...), reage aos estereótipos que lhe são imputados e interage com essa mesma sociedade de modo mais denso, através das novas gerações, (...), transformando assim sua própria identidade.(p.33)

Observo, portanto, que no Islã existe uma preocupação com o “eu”, mas todos os ensinamentos de Muhammad e do Alcorão, a percepção do "outro" é o que existe uma maior preocupação. Para que se tenham relações saudáveis, para que se cumpra essas obrigações, o meio familiar é onde se começa, exemplificado pela fala de Imane ao relacionar essas duas noções, "famílias sadias formam comunidades

sadias". Ao fazer esse estudo, afirmo que a família no islã é o ponto de extrema importância para as interações sociais e de reafirmar o testemunho da fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALATI, Hammudah, **“Islam em foco”**, CIDIAL, 2012.
- ARBEX JR., José. **“Islã um enigma da nossa época”**, Moderna, 1997.
- AUGÉ, M., **“Os domínios do parentesco: filiação, aliança matrimonial e residência”** (1975). Lisboa, Edição 70.
- CAMPOS, Roberta Bivar C., e Mísia Lins Reesink. **“Mudando de eixo e invertendo o mapa: para uma antropologia da religião plural”**. *Religião & Sociedade*, vol. 31, nº 1, junho de 2011, p. 209–27.
- CASTRO, Cristina Maria de, e Elaine Meire Vilela. **“Muçulmanos no Brasil: uma análise socioeconômica e demográfica a partir do Censo 2010”**. *Religião & Sociedade*, vol. 39, nº 1, abril de 2019, p. 170–97.
- CASTRO, Cristina Maria de. **“A Construção de Identidades Muçulmanas: Um Enfoque Comparativo entre Duas Comunidades Paulistas”**. *Dados*, vol. 57, nº 4, dezembro de 2014, p. 1043–76.
- CASTRO, Cristina Maria, **“Usar ou não Hijab no Brasil? Uma análise de uma religiosidade islâmica em um contexto minoritário”**, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 2015.
- CHAVES, Luana Hordones. **“A ONU EM FACE DO RELATIVISMO CULTURAL O caso dos Direitos Humanos no mundo muçulmano”**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 35, nº 103, 2020.
- DUARTE, Luiz Fernando D., organizador. **Família e religião**. Contra Capa, 2006.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **“Teatralização do sagrado islâmico: a palavra, a voz e o gesto”**. *Religião & Sociedade*, vol. 29, nº 1, 2009, p. 95–125.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **Performances islâmicas em São Paulo: entre arabescos, luas e tâmaras**. Edição Terceira Via, 2017.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa, e Luana Baumann Lima. **“Empoderamentos múltiplos de mulheres muçulmanas em espaços públicos na França e no Brasil”**. *Revista de Antropologia*, vol. 63, nº 1, abril de 2020, p. 59–82.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa, **“Redes Islâmicas em São Paulo: Nascidos mulçumanos e revertidos”**, revista *litteris*, nº3, 2009.
- FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa, **“O sheik é o livro.... Aquele que ouve e aquele que fala”**, revista: *Teoria e Sociedade*, nº17, 2009.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa, “ **Olhando para o feminismo em circulação: Notas etnográficas sobre mulheres muçulmanas**”, *Diáspora, Diversidades, Deslocamento*, 2010.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa, “ **Diálogos sobre o uso do véu(hijab): Empoderamento, identidade e religiosidade**”, *revista Perspectivas*, São Paulo, nº43, 2013.

FONSECA, Claudia. “**Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações**”. *Cadernos Pagu*, nº 29, dezembro de 2007, p. 9–35.

FONSECA, Cláudia , “ **A historia social no estudo da família : Uma excursão Interdisciplinar**”, BIB, Rio de Janeiro, nº27, 1989

GASRDER, HELLERN, NOTAKER, Jostein, Victor, Henry, “**O Livro das religiões**”, Cia. das letras ,2002.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Record, 2011.

GEERTZ, Clifford, “ **A interpretação das Culturas**”, LTC, Rio de Janeiro, 2008

HERTZ, Robert. **A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**. In. *Religião e Sociedade*, vol.06, 1980

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. Ideias & Letras, 2014.

JARDIM, D.F., “**Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismo sociais de produção da etnicidade**. *Chuí/RS*” (2000)

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FIGUEIREDO, LUNARDI, C.,T., “ **Diáspora e Identidade na Contemporaneidade: considerações sobre as populações árabe e muçulmana e a formação de uma comunidade em Florianópolis/SC** “ , *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 8(16), 270–288, 2016.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.**” *Letras 26 – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*, 2003.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. “**Os muçulmanos no Brasil1**”. *Etnografica*, nº vol. 15 (1), fevereiro de 2011, p. 31–50.

MARQUES, Vera Lúcia, “**Sobre práticas religiosas e culturas islâmicas no Brasil e em Portugal: Notas e observações de viagem**”, Belo Horizonte, 2009.

- MIEHL, Melanie, **“O que é o Islã? Perguntas e respostas”**, Sinodal, 2005.
- MONTENEGRO, Silvia Maria, **“Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização”**, Lusotopie, 2002.
- L.STRAUSS, **“As estruturas elementares do parentesco”**, Local de edição: Editora Vozes, 2012.
- OSMAN, Samira. **“Presença muçulmana no Brasil: breve síntese histórica”**. Hamsa, nº 5, março de 2019.
- OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Ed UNESP, 2000.
- PASQUALIN, Flávia Andréa, e Francirosy Campos Barbosa. **“Quando o amor se torna assunto de estado: brasileiras envolvidas com muçulmanos estrangeiros via Internet”**. Reflexão, vol. 42, nº 1, dezembro de 2017, p. 31.
- PASQUALIN, Flávia Andrea, **“O (des)encanto do casamento intercultural: brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros”**, 2018.
- PASQUALIN, Flavia Andrea, Francirosy Campos Barbosa, **“Casamento intercultural islâmico: Quando a internet faz parte da relação”**, revisto Último Andar, nº29,2016
- REAL, Edson Alexandre Santos, **“Islamismo, Memória e Oralidade: Processo de cisão da mesquita islã e a fundação Mussala, entre imigrantes e brasileiros, na cidade de Belo Horizonte**, XII Encontro regional de história oral alternada em tempos de (in)certeza: escutas sensíveis, 2017.
- RIBEIRO, L. M. P. **“A Implantação e o Crescimento do Islã no Brasil”**. Estudos de Religião, vol. 26, nº 43, dezembro de 2012, p. 106–35.
- ROCHA, Cristina, e Manuel A. Vásquez. **“O Brasil na nova cartografia global da religião”**. Religião & Sociedade, vol. 34, nº 1, junho de 2014, p. 13–37.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. Routledge, 2002. Págs. 45-78.
- SÁEZ, Oscar Calavia. **Esse Obscuro Objeto de Pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em Antropologia**. Edição do Autor: Ilha de Santa Catarina, 2013. Pp 48-54onte: Ed. UFMG, 1999
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

TRUZZI, Oswaldo. “**Religiosidade Cristã entre Árabes em São Paulo: Desafios no Passado e no Presente**”. *Religião & Sociedade*, vol. 36, nº 2 de dezembro de 2016, p. 266–91.

TRUZZI, Oswaldo. “**Sociabilidades e valores: um olhar sobre a família árabe muçulmana em São Paulo**”. *Dados*, vol. 51, nº 1, 2008, p. 37–74.

VELHO, Otávio. “**Globalização: antropologia e religião**”. *Mana*, vol. 3, nº 1, abril de 1997, p. 133–54.

WOORTMANN, Klaas, “**Reconsiderando o Parentesco**”, 2018.

Sites:

<https://www.islamreligion.com/pt>

<http://sbmrj.org.br/>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/revolta-males.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=tqZM2ljjtqI>.

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/28/islamofobia-o-que-oprime-muculman-as-no-brasil-nao-e-o-lenco-diz-pesquisadora-da-usp.ghtml>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/15/o-que-e-o-taliba.ghtml>,